

“Eu te amo, Hipólito”: a presença masculina para a validação existencial da mulher em “Hipólito”, de Sonia Coutinho

“I love you, Hipólito”: the male presence for the existential validation of women in “Hipólito”, by Sonia Coutinho

 Silvana Kelly Gomes de Oliveira

 Marcos Aurélio Marques Lima

Resumo: Esta pesquisa, de caráter qualitativo, bibliográfico-documental e analítico-interpretativo, visa analisar as relações de gênero a partir do conto “Hipólito”, escrito por Sonia Coutinho e presente na obra *O último verão de Copacabana*, publicado em 1985. Neste trabalho, objetivou-se, com base em autores como Helena (1989), Scott (1995) Welzer-Lang (2001) e Zinani (2015), problematizar as relações de gênero na narrativa, assim como indicar a interdependência dessas relações, tendo em vista que os comportamentos estabelecidos pela protagonista e pelo seu “amante” são construtos de uma sociedade patriarcal e heteronormativa que necessita, por sua vez, ser validada dentro de um corpo social. Diante disso, constatou-se que a narrativa construída por Coutinho (1985), responsável por emitir uma voz feminina, apresenta as expectativas sociais e cotidianas dispensadas ao gênero e à sexualidade, além de metaforizar a necessidade de corpos femininos serem validados, devido, sobretudo, ao sistema misógino em que estes são representados, construídos. **Palavras-chave:** Literatura contemporânea. Relações de gênero. Vozes femininas.

Silvana Kelly Gomes de Oliveira. Doutora em Literatura, Memória e Estudos Culturais (UEPB/PPGLI). Email: silvanaoliveira@servidor.uepb.edu.br

Marcos Aurélio Marques Lima. Graduando pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Email: marcos.aurelio@aluno.uepb.edu.br

Abstract: This research, of a qualitative, bibliographic-documentary and analytical-interpretative nature, aims to analyze gender relations based on the short story “Hipólito”, written by Sonia Coutinho and present in the work “The Last Summer of Copacabana”, published in 1985. In this work, the objective was, based on authors such as Helena (1989), Scott (1995) Welzer-Lang (2001) and Zinani (2015), to problematize gender relations in the narrative, as well as to indicate the interdependence of these relations, in view of that the behaviors established by the protagonist and her “lover” are constructs of a patriarchal and heteronormative society that needs, in turn, to be validated within a social body. That said, it was found that the narrative constructed by Coutinho (1985), responsible for emitting a female voice, presents the social and everyday expectations given to gender and sexuality, in addition to metaphorizing the need for female bodies to be validated, due, above all, to the misogynistic system in which these are represented, constructed.

Keywords: Contemporary literature. Gender relations. Female voices.

Introdução

Quando se considera a binaridade de gênero, é imprescindível considerar que a configuração contemporânea dos papéis impostos aos homens e às mulheres pouco se alterou ou, ainda, está atrelada às mesmas bases de outrora: há, inconscientemente, por parte dos sujeitos que compõem esse quadro, um discurso estruturado na opressão e subjugação das mulheres, ainda pontuada numa perspectiva subalternizada à figura masculina.

Sob esse viés, a representação das mulheres, tanto em perspectiva social quanto literária, envereda, muitas vezes, para a necessidade inconsciente de se manter vinculada a esse poder, colocado dentro das estruturas sociais como natural, necessário. Logo, a submissão parte, em alguns casos, do próprio feminino, vítima da naturalização da de-

pendência concatenada ao masculino. Por outro lado, dentro do movimento subjetivo das relações, essa submissão não é linear e limitada, diante das múltiplas camadas que compõem a figuração da mulher.

Nesse sentido, em “Hipólito”, conto escrito por Sônia Coutinho e publicado, em 1985, no livro *O último verão de Copacabana*, essa discussão é aprofundada à medida que o enredo avança: ali se narra a relação simbiótica e solitária que uma mulher de meia-idade, de classe média e adequada naquilo que se entende como “mulher moderna” (“livre” da interferência masculina nas suas relações e autônoma no que diz respeito ao seu próprio sustento) projeta na figura de um rapaz, apontado na construção narrativa como Hipólito.

A problemática deste artigo pauta-se, portanto, na simbiose que marca, por sua vez, a busca por validação social que tanto parte dela quanto dele, averiguando a reafirmação, dentro das relações de gênero, dos papéis que lhe são destinados dentro da estrutura social. Desse modo, na interdependência histórica que rege os gêneros binários, a protagonista, designada por Madalena, acentua a solidão e a consequente necessidade da presença masculina para supri-la, indicada pela dependência emocional associada ao rapaz.

Diante disso, a partir de uma análise crítico-interpretativa, este trabalho, que conecta a subordinação opressiva e a subalternização histórica dos corpos femininos à construção de Madalena, protagonista de “Hipólito”, busca evidenciar uma perspectiva da mulher que, embora seja transgressora para os padrões sociais da época¹, internaliza a necessidade de se sentir dominada por um homem, fugindo, de todas as formas possíveis, da solidão que a ausência dessa figura é capaz de produzir.

1. Publicado em 1985, o conto marca uma época em que as discussões que regem a libertação do corpo e a independência financeira, sexual e constitucional das mulheres entram no âmbito das pautas sociais, de acalorado debate no período em recorte.

Além disso, objetivou-se também problematizar as relações de gênero na narrativa, assim como indicar a interdependência dessas relações.

Gênero e literatura: o encontro de perspectivas

No que diz respeito à construção histórica das relações de gênero na sociedade, a interdependência estabelecida entre os homens e as mulheres é factual, o que não permite que sejam considerados separadamente (Scott, 1995). Em relação a essa constatação, cabe observar que isso não se dá, claramente, de modo equilibrado ou dissociado da concepção de hierarquia, responsável por nortear esses vínculos desenvolvidos a partir de uma pirâmide social historicamente inflexível.

Desse modo, embora os estudos de gêneros estejam atrelados às observações que consideram a necessidade da existência de sujeitos categorizados, de modo interdependente, a partir do gênero e conectados por ele, o gênero, como “um sistema socialmente consensual de distinções” (Scott, 1995, p. 72), promove o encaixe dos indivíduos em posições nitidamente distintas, sendo possível atestar a subjugação da mulher diante da influência histórica, social e política da figura masculina.

Partindo desse pressuposto, a bilateralidade do gênero conflui também na polarização das funções sociais realizadas por homens e mulheres, apontando para a intransigência de comportamentos, desejos e papéis organizados de modo a calcificar o poder masculino e, conseqüentemente, a subordinação feminina a essa dominação. Desse modo, “os homens dominam coletiva e individualmente as mulheres” (Welzer-Lang, 2001, p.461), o que permite “a criação inteiramente social de idéias (*sic*) sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres” (Scott, 1995, p. 75).

Sendo inseridas, portanto, dentro de um contexto sociopolítico pouco interessado em suas demandas, as mulheres são agentes tam-

bém responsáveis, devido à naturalização das relações de poder que as coloca em posições afastadas da centralidade política, cultural, histórica, econômica e social, pela internalização da condição de subalternidade à dominação do masculino, sobretudo quando reafirma em seus discursos a necessidade da presença masculina em determinadas situações, como a sexual e a trabalhista.

Isso, que faz parte da lógica de dominação masculina, possibilita a reflexão de que “a própria mulher se coloca na posição de Outro, o que dificulta a superação das relações patriarcais” (Zinani, 2015, p. 412) e reforça não só a posição de subordinação feminina, como também a proliferação de que existe funções e lugares distintos a serem ocupados pelos gêneros binários. Nessa perspectiva, Pierre Bourdieu (2012, p. 25) afirma que esse tipo de relação é formatado através da violência simbólica, conceito que se debruça sobre:

Os atos de conhecimento e de reconhecimento práticos da fronteira mágica entre os dominantes e os dominados, que a magia do poder simbólico desencadeia, e pelo qual os dominados contribuem, muitas vezes à sua revelia, ou até contra sua vontade, para sua própria dominação, aceitando tacitamente os limites impostos [...].

Diante desse panorama de bilateralidade de gênero, há também a questão relativa às práticas sexuais heteronormativas que permeiam entre homens e mulheres. Conforme Bourdieu (2012), a relação sexual é um reflexo de uma relação social de dominação, haja vista que o feminino é visto como passivo e o masculino, ativo; logo, enquanto as mulheres são condicionadas a viver sua sexualidade como uma experiência íntima carregada de afetividade, que não inclui meramente a penetração, os homens são condicionados a viver essa prática de uma maneira mais física, orientada para penetração e orgasmo.

Todavia, é necessário frisar a ideia de que esse tipo de relação - que apresenta as mulheres como dominadas e homens como dominantes - é limitada e não acontece de forma linear, sendo atravessada por inúmeras camadas não determinantes. As relações são pautadas em uma subjetividade que esgarça os limites entre os extremos, mesmo que estejam enredadas a fatores institucionais, sociais e culturais. Tais relações operam também sobre os comportamentos individuais, sobre as manifestações políticas que abarcam uma coletividade - a exemplo dos feminismos plurais -, sobre o turbilhonamento do lugar comum dos binarismos sexuais, sobretudo quando se trata do panorama contemporâneo².

Embora trazendo essa concessão, no que tange à literatura, isso não é diferente. A representação da mulher em textos literários não se distancia muito do lugar de servidão à ideologia do opressor, mantida por meio da educação doutrinária destinada aos seus próprios filhos, que também passam a reproduzir essa concepção histórica de dependência (Helena, 1989). Em relação a isso, pode-se considerar que até quando escrita por mulheres, seja de modo intencional ou não, a literatura aponta para a integração das personagens mulheres “com a cultura dominante, patriarcal e masculina” (Helena, 1989, p. 46), ocorrida com o “consentimento” cultural e naturalizado do que se entende por “feminilidade”.

Entretanto, ainda que historicamente estejam marcadas por uma identidade literária construída a partir de um olhar masculino que as padroniza em muitos aspectos (Zinani, 2015, p. 419), as personagens mulheres pertencentes às obras escritas também por mulheres alicerçam um diferencial interessante: elas subvertem a ordem fazendo uso da própria ordem, isto é, as imposições patriarcais eram revistas de

2. Vê-se, com isso, o efervescente debate político que gira em torno de temas voltados ao gênero e às sexualidades, bem como de pautas sobre estupro, direitos reprodutivos, corpo da mulher, violência de gênero etc.

modo sutil mediante o próprio uso da dominação (Zinani, 2015). Logo, é importante pensar que existe um conflito ideológico na relação estabelecida entre gênero e literatura, sobretudo quando se considera os sujeitos que compõem a autoria de um texto literário.

Na contramão dessa ideia de subversão das mulheres personagens escritas por mulheres autoras, Rodrigues (2016) questiona que nem sempre a autoria feminina isenta a obra da reprodução de estereótipos acerca de mulheres. Para tanto, ela afirma que essas figuras aparecem, algumas vezes, tolhidas (mesmo artistas ou intelectuais) e abrigadas dentro de um modelo de identidade fixa e raquítica, ainda estando presas ao uso que fazem do próprio corpo enquanto objeto de prazer masculino. Embora a teórica aponte para a análise de um *corpus* específico de sua tese, a reflexão de que “personagens masculinos das narrativas ficcionais [...] permanecem circulando entre a casa e as ruas, e as personagens femininas continuam deitadas em seus leitos de amor e morte” (p. 247) é também válida para este artigo.

Nesse sentido, não adianta pensar os escritores e escritoras de maneiras distintas ou separadas, mas problematizá-los dentro de uma associação determinada por relações de poder que norteiam, indiscutivelmente, a construção de seus personagens. Neste artigo, então, o foco dessas observações será Madalena, a protagonista do conto *Hipólito*, escrito por Sonia Coutinho.

Um produto cultural do mundo moderno: Madalena e o reflexo das relações de gênero

Para início de discussão, é interessante pensar Madalena como um produto cultural do mundo moderno: nessa crônica urbana³, a prota-

3. Essa expressão nada tem a ver com o gênero narrativo analisado. No contexto, indica um adjunto adverbial de lugar em sentido figurado.

gonista tem como principais atributos a “liberdade” e a “autonomia”, seja em suas relações, uma vez que não possui interferência alguma de outros sujeitos, seja em seu próprio sustento. No entanto, a personagem não vê sua vida sob esse mesmo viés; para ela, essas atribuições nada mais simbolizam do que sua própria solidão.

Nesse sentido, pensá-la sobre essas duas perspectivas (uma livre e outra solitária) abre margem para a seguinte reflexão: Seria Madalena, na verdade, um “produto” que, para a sociedade, não deu certo? Aliás, seria isso o que ela pensa sobre si mesma? Se sim, por quê? Quando se pensa em Madalena como um “produto fracassado”, leva-se em consideração sua classe média, sua branquitude, que inclusive é demarcada pelo espanto da cor e feições de Hipólito, seu posicionamento geográfico (Rio de Janeiro, zona nobre), sua idade mais avançada, seu lugar de escritora (“Perdoa, amor, a minha crueldade final, eu não pude deixar de escrever sobre você” (Coutinho, 1984, p. 26)) e professora de música (“[...] ambos ensinamos música - piano, talvez” (p. 21))?

Antes de tudo, quando a personagem se coloca no lugar de mulher solitária diante de seu psicanalista, o Dr. Klaus, ela elenca alguns fatores que indicariam a solidão em sua vida (Coutinho, 1985, p. 20-21). Dentre eles, destaca-se a falência total de Madalena em um âmbito particularmente valioso para a imposição dos papéis de gênero ao feminino: ela não construiu uma família nem sequer manteve seus casamentos. Sobre isso, ela afirma: “Separada de um marido, viúva de outro, alguns casos notórios já encerrados; sem filhos, parentes mortos, ganhando o próprio sustento. Serei eu, Dr. Klaus? (Coutinho, 1985, p. 21).

Nessa perspectiva, existe sutilmente na representação de Madalena em primeira pessoa (Serei eu, Dr. Klaus?) a sensação de ter fracassado como mulher, pois não correspondeu às expectativas construídas em cima do ideal de feminilidade, observada, indiscutivelmente, pela não

permanência da figura masculina (antes e depois). A partir do momento que a própria personagem indica sua frustração individual advinda de uma imposição social e coletiva (a de ser mãe e esposa), ela reafirma o discurso patriarcal.

Ademais, no trecho “E não tendo ninguém realmente íntimo nesta cidade de oito milhões de habitantes, o Rio de Janeiro” (Coutinho, 1985, p. 21), o discurso que se volta à solidão é culturalmente difundido como um esvaziamento do sujeito que somente se completa, para a lógica da dominação e do biopoder, com a presença do masculino. Assim, ela é vista como uma mulher menor, sob o signo da diferença, destacando-se em relação ao que se considera completo, absoluto e hegemônico: o homem. Por isso, sua solidão não é vista como liberdade, ainda mais para uma mulher em processo de envelhecimento, mas como uma vacuidade que pode só ganhar vida a partir de uma nova relação sexual com um homem mais jovem:

Comecei a usar roupas mais coloridas, me maquilava muito cheia de uma vitalidade nova. Cheirando o travesseiro sobre o qual ele repousara a cabeça, mordendo o seu pescoço. De repente jovem, estimulada, a vida brotando por todos os poros, como um alegre suor. Certa noite, tomada por um súbito pressentimento, perguntei a ele: “O que vou ter de pagar, pelo prazer que estou recebendo agora?” (Coutinho, 1985, p. 23).

Um aspecto interessante a ser observado na narrativa é o elo que liga Hipólito a Madalena: a ideia de trabalho. Quando ela pergunta “O que vou ter de pagar, pelo prazer que estou recebendo agora?”, percebe-se uma relação de troca que varia entre o prazer sexual recebido e a lógica capitalista existente atrás dessa relação, já que o verbo “pagar” pressupõe um pagamento por algo, ainda que seja afetivo, sexual, subjetivo, pelo que se constitui entre os dois. Além disso, o modo como

Madalena se enxerga - uma mulher de meia idade apaixonada por um rapaz mais jovem - parece mais uma vez deixá-la em “dívida” com a sociedade, não necessariamente com Hipólito.

Afinal, como uma mulher considerada já descartável pela sua idade, dentro do panorama de um mundo neoliberal e etarista que visa sempre ao novo, poderia ter afeto sem “pagar” por isso? Desse modo, subentende-se que ela não é digna dessa relação, logo, ela não seria gratuita, ainda que no nível mais abstrato. Na verdade, o “preço” pago por ela em continuar nessa relação com Hipólito se transpõe pela não reciprocidade de amor, ou ainda pela amizade que ele dedica a ela, sem promessas de um relacionamento consistente.

Assim, o elo que os liga, o trabalho, no sentido mais pragmático, é correspondente à máquina capitalista que reforça a divisão sexual do trabalho. Enquanto as mulheres estão ainda presas ao trabalho material e afetivo, os homens continuam a ser poupados deste segundo tipo de trabalho, que muitas vezes se confunde com cuidado, afeto, trabalhos não-remunerados, jornada tripla de trabalho. No caso de Madalena, que é uma personagem privilegiada economicamente, o trabalho funciona como uma máquina de trabalho subjetivo, a partir do qual ela dedica sua energia ao homem que não lhe corresponde a urgência do amor.

Ainda, os dois personagens trabalham juntos e ela demarca que isso os liga diariamente, quando voltam para casa ao mesmo tempo: “Sorrio, portanto, para Hipólito, enquanto voltamos outra vez juntos do trabalho. Pois faz mais de um ano que nos conhecemos e ainda não esgotamos nosso fogo mútuo fascínio” (Coutinho, 1984, p. 27). Parece que o trabalho, que é o ponto unificador dessa relação, é o que mantém o símbolo da fênix como uma constante: aquilo que morre e renasce das cinzas. Tal fato faz reverberar a ideia de que, ao menos para Hipólito, esta parece ser uma relação de conveniência e que é envolta pela praticidade cotidiana.

Com isso, não se pretende afirmar que Hipólito simplesmente não dedique a Madalena absolutamente nada além de um prazer momentâneo, haja vista que ele inclusive opta por uma relação de amizade, quando “ele já se distanciava da fera dessemelhante, a fêmea em mim. Eu era apenas uma mulher, Hipólito não podia me amar” (Coutinho, 1984, p. 26). Esse advérbio restritivo “apenas”, mais uma vez, coloca o feminino no lugar de subordinação e de menoridade, tendo em vista que a própria personagem faz questão de exaltar as múltiplas camadas de Hipólito, abdicando da descrição das suas próprias:

Não poderia ser a mesma pessoa o viajante que percorrera, como mochileiro, diversas partes do mundo; o múltiplo leitor; o homem preso há alguns anos como subversivo; o amante, pouco tempo atrás, de uma mulher rica e sofisticada [...]; o jogador apaixonado de pôquer, que se encantava com as infinitas possibilidades do blefe, o aficionado de boxe, fã de Cassius Clay (Coutinho, 1985, p. 24).

Na descrição do jovem, ainda há o fator racial que é percebido como uma característica que se difere da cor de pele de Madalena, haja vista as marcações linguísticas como “Observando seu rosto moreno [...]”, “[...] olhos escuros, o cabelo ligeiramente crespo, a barba negra - alguma coisa do fatal encanto das esfinges” (p. 22); “Esquivo leopardo negro, animal selvagem” (p. 25). O homem, embora esteja apto a sofrer racismo, sendo alvo de um estigma histórico e estrutural, sobretudo no Brasil, ainda é parte do sistema patriarcal, logo, continua a gozar de seus privilégios masculinos. Tal subentendido da cor da pele de Madalena se perfaz pelos silêncios da narrativa, demonstrando sua “fala-a-menos” sobre si mesma.

Nesse viés, todo o conto é construído em cima das dicotomias: homem *versus* mulher, fênix *versus* cadáver, pintor *versus* escultora,

corpo musculoso *versus* fragilidade, frieza *versus* intensidade, jovem *versus* mulher de meia idade, passado *versus* presente, amizade *versus* paixão, mistério *versus* realidade, felicidade *versus* tristeza, fuga *versus* recaída, silêncio *versus* escrita. Esses extremos podem ser metaforizados pelas hierarquias dos binarismos sexuais, os quais colocam as mulheres em posição de desvantagem frente aos homens, fazendo com que eles, embora “frágeis” ou “silenciosos”, tal como Hipólito, não deixem de usufruir de regalias masculinas.

Diante disso, quando emerge a figura de um rapaz responsável por suscitar a idealização de Madalena, ele é descrito como um homem esteticamente dentro de um padrão de beleza para ela: forte, suficientemente visceral e dominador. Este último, no entanto, converte-se como um desejo, uma fantasia, indicada recorrentemente pela protagonista:

“Vejo você”, eu disse, “é numa cabana de lenhador, bem no meio da densa floresta fria. Vestindo um casaco de camurça torrado com pele de carneiro, usando boné de pele. Só você e um grande cachorro peludo. [...] Você [...] tem o seu lado negro, não é?” (Que crime o meu/o seu passado esconderia?) (Coutinho, 1985, p. 22).

Esse discurso de dominação masculina, associado, inclusive, a figuras como Jack, o estripador (p. 24), e como o Drácula (p. 25), salienta o lugar de subalternidade da personagem feminina ou, ainda, o lugar que ela acredita corresponder a sua convenção social e funcional: a de ser mulher. Sendo, portanto, sua solidão compreendida como parte de um sistema orquestrado pelas relações de gênero, é cabível enfatizar que, na verdade, Madalena internaliza os papéis de gênero, reproduzindo-os mediante a percepção de que a dominação é um atributo da virilidade masculina e, conseqüentemente, a solidão que a persegue estaria atrelada à ausência desta “qualificação”.

Ao longo da narrativa, esse sujeito que a envolveu, passa a ser designado por “Hipólito”⁴, sobretudo nos momentos em que a fazia sofrer (Coutinho, 1985, p. 23). Essa construção fantasiosa a respeito da imagem do homem por quem ela é atraída explicita a dependência por ele, que atravessa as mais diversas tentativas para sanar a solidão.

A partir dessa relação entre Madalena e Hipólito, o sexo funciona com um dispositivo de poder que condiciona a mulher à condição de passiva, pois ela se apaixona pela fera dominadora (mesmo quando percebe seu sexo “tinha um brilho frio”, como um “balé bem ensaiado” (p. 23)); enquanto que o homem aparece sob o viés da selvageria, sem mais profundos sentimentos amorosos, resultando no encontro dos dois atuantes, na guerra do sexo, como opostos complementares:

De tão selvagem, enfim prevaleci racional. Mas foi por ter descoberto que a chave mágica para preservar nosso relacionamento é ele não me tocar jamais, nunca mais. Se o fizer despertará outra vez em nós a fúria assassina, os dois nos defrontando (somos gladiadores, não, querido?) para criar o monstro bifronte, o terrível medo de prazer/dor, homem e mulher trepando, a guerra cruenta (Coutinho, 1984, p. 25).

Isto é, a conjunção carnal heteronormativa indica a potência da vida e a potência da morte, a dor e o prazer, em um duelo que é figurado pela fênix. Para que ela se sinta viva ou “desperte outra vez”, o toque de Hipólito seria a chave. Mas a morte e a dor que ela sente também em relação a si mesma, como algo que sobrevive na falta, emerge da ideia violenta de dependência afetiva e sexual que se atribui ao gênero, à

4. Como símbolo da mitologia grega, Hipólito representa o amor não consumado e que, por sua vez, significa o sofrimento amoroso de Fedra, que nunca o conseguiu alcançar da maneira como desejava. Logo, ao designar o jovem rapaz como “Hipólito”, Madalena reafirma o lugar de Fedra, indicando a impossibilidade amorosa e o sofrimento decorrente desta.

mulher, especificamente, mediante suas relações com homens. Assim, o jogo entre vida e morte parece ser uma estratégia da mulher para encontrar a si mesma.

No final das contas, o enlace amoroso entre os dois corresponde à busca constante de validação social: ele na sua construção social masculina e ela na tentativa de descrever sua própria solidão, fruto indubitável de uma sociedade patriarcal.

Considerações finais

Em “Hipólito”, destaca-se nitidamente a influência que a construção da identidade feminina sofre mediante a interferência dos homens. Como resultado disso, Madalena tem seu foco narrativo estruturado, quase por inteiro, sob o olhar das relações de gênero, expressado, nesse sentido, pela presença da interdependência entre a figura de Hipólito e a de si própria, sendo ambas ornadas pelas características e atributos que condicionam, de certo modo, a coletividade no que diz respeito ao que seja ser homem ou mulher.

Além disso, para Madalena, o campo subjetivo atua fortemente sobre a dinâmica das relações de gênero implicadas entre os dois, uma vez que seu afeto por Hipólito é comparado à fênix, a qual ressurgue sempre das cinzas, na dança entre a vida e a morte. Essa morte, por sua vez, sugere o apagamento de sua identidade em nome da relação unilateral que ela tece com o rapaz, ao passo que a vida aponta para suas subjetividades individuais como uma potência sobrevivente e sub-reptícia de uma mulher no mundo patriarcal.

Dessa forma, os binarismos de gênero se apresentam mediante as práticas sexuais; as relações que envolvem o trabalho subjetivo - no caso dos personagens analisados, um trabalho artístico (musical) - dos

afetos; as dicotomias discursivas presentes no conto; as referências artísticas e mitológicas que se relacionam ao casal; a própria escrita da mulher - perpassada pelo silêncio de si -, que aborda suas dores em relação à persona “homem”, repleto de descrições; entre outras bilateralidades que existem como *modus operandi* das hierarquias sexuais tão necessárias ao patriarcado.

Logo, “Hipólito” pode ser considerado um ponto em que a subversão do discurso das mulheres, marcada a partir das próprias imposições patriarcais, se cruza as relações sociais impostas aos gêneros, que, portanto, são responsáveis por problematizar a condição de subalteridade de Madalena. Decorrente disso, evidencia-se também, por parte de Madalena, a busca pela validade individual e coletiva por meio da presença masculina de Hipólito, indicador social de que a materialização dos ideais patriarcais foi devidamente projetada nas relações interpessoais e subjetivas da protagonista.

Referências

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

COUTINHO, S. Hipólito. In: _____ *O último verão de Copacabana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

HELENA, L. A personagem feminina na ficção brasileira nos anos 70 e 80: Problemas teóricos e históricos. *Luso-Brazilian Review*, v. 26, n.2, p. 43-57, 1989.

RODRIGUES, R. *Mulheres e amores em ficções de autoria feminina*. Campina Grande, PB: EDUFPG, 2016.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v.20, n.2, jul./dez., p. 71-99, 1995. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>.
Acesso em: 18 jan. 2024.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

ZINANI, C. Feminismo e literatura: apontamentos sobre crítica feminista. *In: SEDYCIAS, João (org.). Repensando a teoria literária contemporânea*. Recife: Editora UFPE, p. 409-434, 2015.

Recebido em: 20/01/2024

Aprovado em: 2/03/2024

Licenciado por

